

**Transições**  
Centro Universitário Barão de Mauá

---

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v6n2a2025.4> 

**Título**

Prisão, “O jogo que mudou a história”: uma leitura psicológica sobre a institucionalização de preso e carcereiro na série filmica em questão

**Autor**

Gabriela Gomes e Silva  
Ana Maria Ricci Molina

**Ano de publicação**

2025

**Referência**

SILVA, Gabriela Gomes; MOLINA, Ana Maria Ricci. Prisão, “O jogo que mudou a história”: uma leitura psicológica sobre a institucionalização de preso e carcereiro na série filmica em questão. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, 2025.

# **PRISÃO, O "JOGO QUE MUDOU A HISTÓRIA": UMA LEITURA PSICOLÓGICA SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PRESO E CARCEREIRO NA SÉRIE FÍLMICA EM QUESTÃO**

## **PRISON, THE "GAME THAT CHANGED HISTORY": A PSYCHOLOGICAL READING OF THE INSTITUTIONALIZATION OF PRISONER AND JAILER IN THE FILM SERIES IN QUESTION**

Gabriela Gomes e Silva\*  
Ana Maria Ricci Molina\*\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar, na série, o processo de institucionalização de Egídio (preso) e Jesus Pedra (carcereiro). O cenário da série foi ambientado no presídio de Cândido Mendes, durante a Ditadura Militar. Em perspectiva teórica foucaultiana, a institucionalização é um processo de fabricação dos sujeitos mediada pelo jogo saber-poder disciplinar. A prisão, enquanto instituição total, inscreve nos sujeitos novos padrões de valores, afetos e condutas como efeito da mortificação do "eu". A metodologia observacional, nas modalidades observação indireta, artificial e assistemática foram empregadas para mapear práticas institucionais representadas no dispositivo audiovisual e seus efeitos observáveis na representação dos personagens, descritos em diário de campo. A coleta de dados foi associada à prática metodológica da cartografia, para descrever o fluxo de pensamentos que surgiam e orientaram à medida que uma leitura interpretativa era evidenciada e registrada em notas reflexivas. Os resultados indicam que, embora ocupem posições antagônicas, Egídio e Jesus Pedra percorrem trajetórias convergentes de institucionalização: (i) Egídio, submetido à violências físicas, sexuais e simbólicas, internaliza os códigos de conduta prisionais, como parte da tecnologia que agencia sua mortificação; (ii) Jesus Pedra, adere progressivamente às violências institucionalizadas e se submete à lógica prisional até o desvanecimento da representação do seu "eu" anterior. A prisão, interpretada como outra personagem, assume a agência de guardiã ativa das práticas discursivas, que reproduzem e dão manutenção às violências pela disciplinarização dos sujeitos. Essa análise remete à

---

\* Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: gabrielagesilva@gmail.com

\*\* Doutorado em Educação pela UFSCar, com estágio de pós-doutorado na USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: ana.ricci@baraodemaua.br

contradição entre a lógica de vigília e punição para à morte dos sujeitos institucionalizados e a enunciação da ressocialização deles para uma vida que não (nunca) existe ou existirá, pois, efeito da perpetuação dos ciclos de violência, racismo e desumanização de presos e aprisionados. Levanta-se um impasse sobre a promoção da saúde mental nesse contexto, o que impõe capturas e barreiras ao exercício ético-político da Psicologia.

**Palavras chave:** Prisão; Institucionalização; Violência; Psicologia; Análise de Filme.

**Abstract:** This article aims to analyze, in the series, the process of institutionalization of Egídio (prisoner) and Jesus Pedra (prison guard). The setting of the series takes place in the Cândido Mendes prison during the Brazilian Military Dictatorship. From a Foucauldian theoretical perspective, institutionalization is understood as a process of subject-making, mediated by the disciplinary power-knowledge dynamics. Prison, as a total institution, inscribes new patterns of values, affects, and behaviors into individuals as an effect of the mortification of the "self." The observational methodology, in the forms of indirect, artificial, and unsystematic observation, was employed to map institutional practices represented in the audiovisual device and their observable effects on the characters' representation, described in a field diary. Data collection was associated with the methodological practice of cartography, in order to describe the flow of thoughts that emerged and guided the process as interpretative reading was made evident and recorded in reflective notes. The results indicate that, although occupying antagonistic positions, Egídio and Jesus Pedra follow convergent trajectories of institutionalization: (i) Egídio, subjected to physical, sexual, and symbolic violence, internalizes the prison codes of conduct as part of the technology that orchestrates his mortification; (ii) Jesus Pedra progressively adheres to institutionalized violence and submits to the prison logic until the fading of the representation of his former "self." The prison, interpreted as another character, assumes the agency of an active guardian of discursive practices, which reproduce and maintain violence through the disciplining of subjects. This analysis points to the contradiction between the logic of surveillance and punishment that leads to the death of institutionalized subjects and the enunciation of their resocialization for a life that does not (and will never) exist, as it is the effect of the perpetuation of cycles of violence, racism, and dehumanization of prisoners and the incarcerated. This raises an impasse concerning the promotion of mental health in this context, which imposes captures and barriers on the ethical-political practice of Psychology.

**Keywords:** Prison; Institutionalization; Violence; Psychology; Film Analysis.

## INTRODUÇÃO

Anterior à nossa inserção no campo acadêmico, a temática do sistema prisional só nos havia aparecido aos respingos. Primeiro, por intermédio de uma professora de redação no ensino médio, motivada a dar a mínima compreensão sobre o assunto, caso este fosse o tema do vestibular. Depois, não muito tarde, nas propagandas políticas, quando parte delas passaram a difundir a ideia de que “bandido” só era bom morto. Por fim, mais recente, e devemos confessar que da melhor maneira, pelo entretenimento.

É nesse contexto que surge *O jogo que mudou a história* (Junior, 2024), uma série audiovisual com um enredo ambientado nos anos 1970 e 1980, no extinto presídio de Cândido Mendes, em Angra dos Reis (RJ), durante o período da Ditadura Militar no Brasil. Dentre os protagonistas, destacam-se Egídio (preso) e Jesus Pedra (carcereiro), ambos retratados como recém-chegados à prisão. Ao longo da série, produzida por Afroreggae e pelo canal de streaming Globoplay, é possível observar cenas que configuram transformações na dimensão da realidade subjetiva dos personagens, haja vista que se tornaram mais violentos. Esta evolução dos personagens vem a caracterizar o espaço da prisão pela hipótese de que ele não responde à proposição de reeducação das pessoas presas, como pretendem a Política Nacional de Saúde Integral no Sistema Prisional (Brasil, 2014), a Lei de Execução Penal (Brasil, 1984; Brasil, 2014) e outros documentos oficiais à respeito.

Diante desse impacto, transpusemos a reflexão provocada pela série, a respeito desta mudança na subjetividade dos personagens representados, para o exercício do nosso campo de atuação: “De que maneira a Psicologia poderia contribuir para a construção de caminhos viáveis à promoção da saúde mental nesse espaço marcado por tanta desumanização?” Foi então que nos dedicamos à iniciação científica.

Em nossos encontros, desvelou-nos a seguinte perspectiva: “E se as prisões se configuram exatamente da maneira para a qual foram construídas?”. Sua implicação está embasada na teoria genealógica de Foucault (2011) à respeito do surgimento das prisões. Segundo o autor, a instituição funcionaria como um dispositivo de disciplinarização de corpos classificados como desviantes na sociedade, a partir da reclusão e o estabelecimento da vigília e punição. No Brasil, punição, antes, historicamente, de suplício público ao corpo das pessoas escravizadas e pretas livres, agora, juridicamente, na restrição da liberdade por confrontação às leis e sujeitas à violência institucionalizada. Provocadas, refletimos que provavelmente não haveria uma intervenção em psicologia efetiva o suficiente para extinguir as práticas punitivas, haja vista que o próprio sistema nasceu para cumpri-las. Surge a tese de que a prisão demarca na violência institucionalizada uma eficácia simbólica determinada - o efeito resultante na mortificação dos punidos e dos agentes da punição.

Cabe dizer que a implementação da prisão no Brasil foi impactada pelas idiossincrasias do território. Conforme os dados do Relatório de Informações Penais de 2024 (Brasil, 2024), a infraestrutura penitenciária não comporta o número de pessoas restritas à liberdade. Além disso, nesse sistema coexistem: condições de insalubridade; formação de gangues e a presença de facções criminosas; discriminação racial, impactando severamente nas estatísticas relativas aos dados demográficos dos presos; diferentes formas de violência inter e intragrupal, bem como sua naturalização; implicações relativas ao endosso do tráfico de drogas, entre outros aspectos que contribuem para a configuração do presídio (Maia et.al, 2017; Salla, 2020; França, Pacheco e Oliveira, 2016), inclusive apresentadas nesta série entre cortes e recortes de cenas específicas.

Então, a pergunta inicialmente proposta sobre como a psicologia poderia encontrar formas de se inserir efetivamente no cárcere se desloca para outra: por que a promoção da saúde mental não encontra brechas para iniciativas no sistema prisional? E mais: por que um espaço que tem como objetivo promover a ressocialização acaba por retroalimentar um ciclo de violência e desumanização? Diante desses impasses, pareceu-nos que a ficção poderia oferecer pistas para essas respostas.

O impacto desta nova informação redirecionou os rumos da pesquisa e de nossa própria trajetória como psicólogas, pesquisadoras e, sobretudo, como seres humanos. A partir da hipótese anteriormente mencionada, os objetivos foram então delineados em (i) identificar na série a representação de possíveis práticas institucionais relativas ao sistema prisional; (ii) verificar os comportamentos observáveis nos personagens Egídio e Jesus ao longo de suas respectivas experiências no cárcere; e (iii) relacionar as possíveis práticas institucionais com as transformações observadas nos personagens em questão - todos os objetivos estão alinhados ao foco de compreensão da violência, como ação humano em contexto institucional representado audiovisualmente.

Assim, esses personagens assumem um lugar central na pesquisa, embora outros personagens atrelados a outros enredos estejam disponíveis para tantos recortes de estudo por meio deste dispositivo. Para a pesquisa, a trajetória institucional impressa nesses personagens demonstra de forma representativa como nascem os presos e os carcereiros em uma prisão. Pois, entendemos que o campo cinematográfico se revela uma potente ferramenta de aproximação dos contextos históricos ou geograficamente distantes de pesquisadores (Bueno; Zanella; 2022), como o da extinta penitenciária anteriormente mencionada e analisada neste texto. Segundo Silva e Pereira (2022), essa qualidade também se estende ao uso das imagens em pesquisas no

campo da psicologia social, pois são capazes de produzir novos sentidos em espectadores distintos, por meio do endereçamento audiovisual.

## MÉTODO

O presente estudo utiliza um dispositivo audiovisual como fonte de informações, a fim de analisarmos o processo de institucionalização impresso na série fílmica “O jogo que mudou a história” (Junior, 2024). A partir do recorte de três personagens que emergem deste cenário e enredo: o preso, o carcereiro e a dinâmica relacional que se estabelece entre ambos e seus pares, respectivamente. Cabe ressaltar que as informações audiovisuais utilizadas neste trabalho são de domínio público e foram excertos destinados aos fins pedagógicos e acadêmicos, não possuindo qualquer finalidade comercial. Tão pouco, por este mesmo motivo, há necessidade de termo de consentimento livre e esclarecido de participantes-atores observados.

A metodologia adotada nesta pesquisa parte da concepção de uma abordagem plural e flexível, alinhada à ideia de uma "metodologia do diverso" (Molina, Barbosa, 2023), na qual diferentes saberes e técnicas se articulam de maneira criativa em função dos objetivos da investigação em perspectiva qualitativa e de fonte imagética. Portanto, resolvemos pela bricolagem entre o método observacional e o cartográfico.

Da metodologia observacional empregamos a observação indireta, assistemática, artificial e não participante sobre o material audiovisual assistido, que são ferramentas delineadas para captar elementos e descrevê-los (Gil, 2019; Marconi, Lakatos, 2021). As capturas de informações conforme recorte foram registradas em diário de campo. Elas evidenciam com a escrita, tanto o descrever quanto o problematizar das próprias percepções sobre a realidade representada, de modo a se

reconhecerem como sujeitos implicados na construção da análise do observado - pelo método cartográfico.

Da cartografia construímos uma narrativa conectada a outras temáticas que tensionam e aprofundam a compreensão do objeto de estudo (Cavagnoli, Maheirie, 2020). Com isso, o processo de análise não se reduziu à codificação temática dada na identificação de cenas, com práticas discursivas e comportamentos a representam a ritualística de entrada, permanência e saída da instituição. Mas, foi ampliada com a produção de mapas reflexivos dados em perguntas-problematizadoras que, em consonância com Foucault (2011) e Goffman (2020), orientaram a pesquisa.

Por fim, significa que, nesta bricolagem metodológica, vivenciamos uma determinada “rede de forças à qual o objetivo ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (Passos; Kastrup e Escóssia, 2009, p. 57) à medida que nos percebíamos em posição participante passiva (Angrosino; Flick, 2009), ou seja, éramos ora objeto de afecções produzidas pelo endereçamento audiovisual ora agentes reflexivas deste entrelaçamento de teoria, prática e ética.

## **DESENVOLVIMENTO/DISCUSSÃO**

Na experiência de cartografar um enredo audiovisual, nada nos parecia ingênuo: as cenas, as falas, os cenários, objetivos, tampouco as dimensões raciais, o papel performado por cada personagem e os seus respectivos nomes. Assim, ao longo desta descrição, cada um destes elementos encontrará seu excerto. Por aqui, Egídio e Jesus Pedra, enquanto nomes que provocam alusões de carga fonética e bíblica, parecem-nos um bom ponto de partida.

Historicamente, Jesus de Nazaré é o fio condutor da doutrina cristã. Por memória e discurso coletivo, sabemos que na bíblia, livro sagrado do cristianismo, Jesus diz: “Conheceréis a verdade e a verdade vos libertará” (Bíblia, João, 8:32). Verdade centrada no próprio cristianismo, pois em Cristo e através dele e nele como “a verdade, o caminho e a vida”. Assim, na brecha interpretativa sobre os nomes, a partir da cartografia realizada, pode-se supor que o Jesus da série representa alusão à quem é capaz de libertar outro. Quem tem a chave ou é a porta que oferece a passagem para a verdade do sujeito.

Mas, não se pensa em Nazaré, um destino. E, sim na “Pedra”, sobrenome do carcereiro que impacta esta capacidade de libertação na justaposição à ideia de um obstáculo, ou seja, “a pedra no meio do caminho”, como no poema de Andrade (2012). Entendemos que Jesus, performando o agente com a chave capaz de libertar e acessar a verdade do sujeito, apresenta-se como um obstáculo e parte da determinação de uma relação opressiva. A liberdade, aqui, poderia não somente estar alinhada à pena e seu tempo de cumprimento, mas o acesso à verdade dada pelo próprio processo de institucionalização e o seu respectivo ciclo de violências (Foucault, 2011; Goffman, 2020; Maia, [et.al](#), 2017; Chies, Barros e Lopes, 2005).

Da mesma maneira, o nome “Egídio” só passaria despercebido pela nossa atenção flutuante se ele próprio não estivesse experienciando uma espécie de exílio – no trocadilho com Egito – mas, de corpo e alma. Preso por atropelar bêbado a filha de um importante militar, no clímax da Ditadura Militar, Egídio é condenado e passa à (sobre)viver em uma nova configuração de convívio social, no presídio, regido por regras de condutas distantes à socialmente partilhadas, segundo Foucault (2011).

Segundo o autor supracitado, a pena de prisão, no contexto da modernidade, promete a regeneração do “indisciplinado”, e sua estratégia envolve práticas punitivas, que não necessariamente

envolvem a violência física, e a vigília (ou sensação dela) pelo preso. Na história das prisões no Brasil, o território incorpora suas idiossincrasias no sistema e, portanto, o objetivo desta implementação tende mudar, ainda que mascarado pelo discurso da ressocialização. Isso porque, segundo Maia et al (2017), tratava-se de um projeto social, científico e político a marginalização de corpos negros, a exemplo dos estudos que associavam a propensão à criminalidade a população negra. Paralelamente, a literatura também aponta para um projeto histórico de repressão às expressões culturais afro-brasileiras, muitas vezes enquadradas como “vadiagem”. Tais construções contribuíram para a associação entre raça e criminalidade no Brasil, cujos efeitos persistem até os dias atuais. Portanto,

O que atraía as autoridades do Estado para o modelo penitenciário não foi a promessa de recuperar os criminosos por meio de mecanismos humanitários, e sim a possibilidade, muito mais tangível e realizável, de reforçar os mecanismos de controle e encarceramento já existentes (Maia et al., 2017, p. 45).

A partir dos elementos audiovisuais da narrativa e do aporte teórico sobre a relação entre a formação das prisões no Brasil, sua manutenção e o racismo estrutural, relaciona-se o corpo bibliográfico, consumido e explicitado acima, à primeira cena da série, que representa simbolicamente a dominação secular dos corpos negros, que, segundo Ribeiro (1995), compõe a matriz fundante do Brasil.

Nela, o barco que transporta os presos e carcereiros possui, no convés, velhos e novos agentes penitenciários, inclusive Jesus Pedra, personagem central desta análise. Estes comemoram e bebem. No porão, presos novatos e reincidentes estão sentados e encostados na estrutura do casco, abraçando os próprios joelhos. O espaço é escuro, sujo e úmido. A bebida brincada na parte superior do barco escorre pelas frestas do assoalho e pinga sobre os corpos abaixo. O inspetor dos

carcereiros, Xavier, incita os demais a “mijar” e “cuspir”, para que os outros se acostumem com o cheiro que terão que suportar no presídio (ep. 1, 00'01''- 02'30''). Imediatamente somos levadas às aulas de história e a presente cena nos rememora a pintura de Johann Moritz Rugendas, Negros no fundo do porão (Imagem 2).

**Imagen 1**



**Fonte:** Globoplay

**Imagen 2**



**Fonte:** Itaú Cultural

Pode-se interpretar que a cena inicial do navio funcionou como um endereçamento visual simbólico, cujo significado estaria relacionado ao racismo estrutural e, portanto, presente na instituição prisional, como um problema que se manifesta em diferentes graus de sutileza (Almeida, 2019). Nesse sentido, tratando-se de uma metáfora, homens negros livres são recolocados em lugar de origem escravizada, agora não mais donos de si e sim propriedades do Estado, sob sua tutela, enquanto aprisionados. Trata-se de uma complexa análise interseccional das categorias de gênero, raça e classe manifestas no dispositivo histórico e demográfico: quem são os aprisionados no Brasil.

Este endereçamento visual que nos implicou tanto na sua carga imagética, quanto também à contradição desta crítica com a escolha racial dos personagens que representam o preso e o carcereiro. Isso

porque, observa-se que, embora dados oficiais indicam que a maioria das pessoas encarceradas seja negra e a maior parte dos agentes penitenciários, brancos (Brasil, 2023; Brasil, 2024), a série promove uma inversão desses lugares, ou seja, Egídio (preso) é um homem-ator-branco e Jesus Pedra (carcereiro) é um homem-ator-negro. Entre nossas conversações, foi interpretado que a inversão da realidade estatística intenciona uma provocação, para que o racismo se desmascarasse entre aqueles que assistem e fossem indubitavelmente provocados para deslocarem o olhar petrificado pela branquitude com seus corpos e lugares racializados.

Portanto, seguindo os objetivos desta pesquisa, de mapear as práticas institucionais representadas na série e relacioná-las com os comportamentos observáveis dos personagens, foram identificados outros pontos de clivagens na narrativa audiovisual, além do “deslocamento pelo navio” citado anteriormente.

Tomada à consciência das particularidades do sistema penitenciário brasileiro, compreendemos que as práticas disciplinares também se manifestariam de maneira própria. Balizadas por Foucault (2011) e Goffman (2020), elas estariam relacionadas à impactos sentidos pelo preso ao longo da sua permanência no presídio, que condicionariam sua subjetividade. Contudo, na série, as mudanças subjetivas e comportamentais são observáveis também em Jesus Pedra.

Segundo Chies, Barros, Lopes e Oliveira (2005, p. 310), o impacto na subjetividade do carcereiro está relacionado ao aprisionamento dele, um processo de “inserção e assimilação dos agentes penitenciários na estrutura institucional e organizacional carcerária”, provocando mudanças nos valores e comportamentos desse profissional, cujo processo culmina com Jesus Pedra se trancando no interior do presídio.

### Imagen 3

Aprisionamento de Jesus Pedra, carcereiro.



**Fonte:** Globoplay

Além disso, sendo estas práticas a brecha para o exercício do saber-poder disciplinar, de domínio discriminatório e opressivo, segundo Foucault (2011), a potencialização da violência emergente entre pessoas presas e agentes de segurança seria parte da realidade compartilhada socialmente entre elas e eles. A prisão reforça a primeira interpretação de que surge como uma terceira personagem, que agencia invisivelmente o acontecimento da institucionalização de pessoas devido ao seu caráter punitivo - “quem deve apanhar e quem deve bater”, inicialmente - do qual se torna, literalmente, guardião.

Assim, após a travessia ilha-costa, dão-se os primeiros passos de entrada no chão do presídio. Os presos são submetidos à uma série de humilhações sociais, desde agressões físicas, como tapa no rosto, até morais, com xingamentos. Entre elas, destacam-se a (a) exigência, por parte dos velhos carcereiros, de que eles os presos mantenham o olhar voltado para o chão, denotando submissão à presença deles; (b) o uso de termos pejorativos, como “vagabundo” e a imposição de formas de tratamento hierarquizadas, como a obrigação de se referirem aos agentes como “senhor”.

Egídio e Jesus Pedra estão em posições diferentes nestas cenas. Enquanto Egídio é alvo das violências, Jesus se encontra afastado, como um observador. Segundo Goffman (2020), isto representaria um momento simbólico que reforça a estrutura hierárquica da instituição e antecipa os mecanismos de controle e disciplina que regerão o cotidiano no cárcere entre presos e agentes penitenciários. Trata-se de um ritual institucional, nomeado, inclusive, pelo diretor do presídio, como “pré-batismo” (ep. 1, 09'25''- 10'59'').

Ao longo da permanência institucional representada por esses personagens, as interações entre pares respectivos, preso-presos e carcereiro-carcereiros, ilustram práticas voltadas a uma pedagogia do corpo e da alma, que configuram modos de (sobre)viver para cada um, diante das particularidades do presídio. Por exemplo, em relação às primeiras experiências de Jesus Pedra no presídio: são perceptíveis as nuances de afectos enunciativos que compõem os momentos de socialização, que agenciam a difusão de uma discursividade capaz de fixar presos-negros-periculosidade, como partes convergentes na fabricação de um tipo de corpo e vida, ao mesmo tempo em que operam em carcereiros a crença de superioridade moral em relação aos presos.

Segundo Goffman (2020), essa compreensão fundamenta-se em uma teoria sobre a natureza humana, assimilada pela própria equipe dirigente. Isso porque, segundo este mesmo autor, na instituição prisional, os presos são considerados delinquentes por natureza pela equipe dirigente e, por isso, devem ser submetidos às punições que caracterizam um presídio. A internalização desta prática discursiva como uma crença na lógica de trabalho dos agentes penitenciários aumenta a (in)segurança da equipe e, por consequência, reforça e intensifica tensões e práticas punitivas entre grupos (Figueiró; Dimenstein, 2018, Tavares; 2011).

Sobre estes discursos, pequenos fragmentos em diferentes contextos poderiam confirmá-lo, escolhem-se ao menos dois deles pela força narrativa da institucionalização em questão: “Isso é cadeia, porra!”, proferidas tanto por presos quanto por carcereiros ao longo da narrativa audiovisual.

O primeiro, quando Jesus Pedra é advertido por Nonato, seu colega de plantão, a respeito dos favores entre carcereiros. Segundo ele, “é um querendo foder o outro” e não existe favor gratuito, o que eleva às tensões existentes carcereiros à um nível intragrupal. Além disso, o carcereiro é constantemente advertido com relação à sua passividade - é “necessário” o uso da violência contra os presos (ep. 2, 41'25''- 46'40'').

Já o segundo, quando na sua interação com preso Mestre, anteriormente na “surda” e agora na enfermaria, este diz: “Ainda não deu tempo de ficar com a casca grossa. Todo mundo que chega aqui fica doente, são os mosquitos. Fica tranquilo que devagarinho a tua pele vai engrossando, entendeu? Aí tu fica cascudo” - (ep. 2, 41'25''- 46'40'').

Interpretamos que “ficar cascudo” pode ser compreendido como uma metáfora para o próprio processo de aprisionamento do agente penitenciário. Os “mosquitos”, que podem representar tanto as práticas institucionais quanto os sujeitos submetidos a elas, seriam responsáveis por “contaminar” os novos integrantes. Essa contaminação, foco de identificação neste projeto, produziria uma “casca grossa”, aproximando progressivamente os indivíduos da naturalização dessas realidades.

Portanto, essa contaminação aparece nas práticas discursivas e na rotina da instituição. Segundo Goffman (2020), trata-se de uma estratégia de mortificação da subjetividade individual para, então, a construção de uma nova, mas adequada à lógica institucional. Em relação à rotina, enquanto Jesus acompanha o chefe de segurança, Itamar, e o diretor do presídio, Sampaio, discursos carregados de simbologias, como “boi”, espécie de buraco onde os presos realizam suas necessidades nas celas,

e a “surda”, cela pequena e escura para onde são levados os presos “indisciplinados”, são apresentados à ele como parte desta dinâmica prisional.

Assim, Jesus Pedra é apresentado ao preso Mestre, enquanto estava na “surda”. Sampaio o apresenta como um dos presos “mais perigosos” do Estado. Em seguida, o personagem surge na pequena fresta gradeada do portão de ferro e posiciona a mão em forma de concha para fora daquele cubículo. Xavier afirma que “se a mão não estiver limpa, ele não come”, bem como “os presos precisam manter uma das mãos limpas, enquanto a outra é usada para o resto, inclusive para limpar a própria bunda”. Imediatamente é possível interpretar uma tratativa animalesca dos carcereiros sobre os presos. Jesus parece se impactar com isso, pois ainda estrangeiro é ao lugar, denota lançar um olhar para o Mestre com estranheza e medo, por meio da fresta do portão de ferro que os separam (ep. 1, 13'39''- 16'10'').

### Imagen 3

Jesus Pedra olhando através da fresta da surda.



**Fonte:** Globoplay

Uma psico-antropologia das emoções no espaço prisional possibilitaria a reflexão de que o estranhamento, o medo e a insegurança tensionam constantemente os personagens em seu rito de passagem e entrada na instituição. A prisão, e a aplicação contínua das suas práticas

pedagógicas institucionalizadas, agenciam longas rotinas e mecanismos de divisa e disciplinarização, que, para fixarem os sujeitos, instalam uma fissura, um corte de desfiliamento provisório dos vínculos sócio-afetivos provenientes dos espaços de não prisão. É quando aparecem novas cenas relacionadas aos rituais de permanência e adaptabilidade dos sujeitos-representados no espaço institucional.

Em relação ao carcereiro, é quando o estresse, o cansaço e o afastamento das relações familiares apresentam-se como outras forças que operam no afastamento e isolamento de uma vida além da penitenciária, motivando seu aprisionamento (Chies, Barros, Lopes e Oliveira, 2005). Sozinho, vincular-se ao grupo de carcereiros e agir socialmente como eles seria a saída encontrada para (sobre)viver também. Interpretamos que a partir daqui Jesus Pedra se torna apenas Pedra.

Já em relação ao Egídio, eventos vivenciados produzirão comportamentos reativos no que diz respeito às práticas institucionais. Assim, após passar pelo rito do “pré-batismo”, ele possui o seu primeiro contato com a infraestrutura do presídio, apresentada por Lesado, seu companheiro de cela. Segundo Goffman (2020), a relação entre pares, geralmente o colega de cela, atua como membro intermediário ou responsável por introduzir ao novato as condutas / dinâmicas institucionais. As expressões como “caneta”, utilizada para se referir ao preso responsável por autorizar as mortes dentro do presídio, e, “não, não, não olha não”, ditas quando Egídio tenta observar este último, revelam não apenas que cada indivíduo ocupa uma função específica nessa nova configuração, mas também que essas funções seguem uma lógica hierárquica, cujo Egídio estaria na base (ep. 1, 25'15''- 26'10'').

Mais uma vez, os discursos são responsáveis por situar o personagem à subserviência necessária em relação aos carcereiros e nas relações intragrupais dos detentos. Elencamos três experiências de Egídio que nos

atravessaram, enquanto cartógrafas, e desvelam o poder que se exerce opressivamente sobre o outro.

A primeira deu-se na noite de sua chegada ao presídio, quando, enquanto dormia em sua cela, foi violentamente atacado por outros presos e sofreu um estupro coletivo (ep. 1, 30'13''- 31'11''). Segundo Silva (1997), as motivações para a ocorrência de violência sexual no cárcere podem ser múltiplas, considerando a lógica específica em que opera o sistema penitenciário. Uma dessas motivações está relacionada às relações de gênero que atravessam o ambiente prisional. Presos que apresentam características consideradas afeminadas tornam-se alvos justificados para as agressões baseadas em construções rígidas de masculinidade (Grossí, 2025).

Embora Egídio se apresente como um homem hétero e cisgênero, sua postura contraria os códigos da masculinidade valorizada naquele contexto (entendida como sinônimo de honra). Ele ainda não foi institucionalizado. Assim, o estupro coletivo também pode ser interpretado como um dispositivo simbólico de retirada da masculinidade do sujeito para sua subalternidade entre pares. É um ato para sua submissão, que segue violência simbólica de gênero; patriarcal.

No dia seguinte, durante o banho de sol, período considerado “livre” na rotina do presídio, Egídio e outros presos são conduzidos à área externa de convivência. Ele se mostra exausto, assustado e com hematomas pelo corpo. Mariozinho, outro preso, aproxima-se e inicia uma conversa para tranquilizá-lo, revelando que também já sofreu violência sexual, assim como muitos outros ali dentro. Aconselha-o a permanecer atento, explicando que “pequeno peixe não se cria, tem que aprender a dormir escutando”, pois é à noite que “eles dão o bote”. Em seguida, sugere que Egídio procure alguém para “casar”, justificando que, dessa forma, “ao invés de ser currado por um coletivo, vai ser por um só”.

Essa relação entre presos é conhecida como “aliança de barbante”, mencionada inclusive por um dos carcereiros nos primeiros minutos da série (ep. 1, 03'00''- 05'11''). A violência sexual retorna a acontecer na noite seguinte. Contudo, Egídio é defendido por Belmiro, também preso, que golpeia seus agressores com golpes de faca (ep. 1, 41'00''- 43'00''). Sobressalta-nos o código de lealdade entre presos, em que se desenvolve uma relação de fidelidade entre os personagens, que irá motivar Egídio a defendê-lo de uma armadilha mais a frente a assassinar o preso Lesado, que irá tentar matar Belmiro (ep. 03, 00'03''- 02'00''). Ou seja, compreendemos que os códigos de honra da prisão são vivenciados e internalizados, tanto incidem na formação de crenças quanto determinam a dinâmica relacional entre os presos da instituição. Afinal, há de se ter lealdade entre pares se quiser sobreviver, conforme Silva (1997).

Por último, trata-se da visita dos pais de Egídio à prisão. Na primeira visita, enquanto prática institucional e parte da rotina do presídio, observamos que as famílias também são submetidas à rituais de entrada: (a) a inspeção dos alimentos e itens de higiene, muitos dos quais são descartados por não atenderem à protocolagem exigida pela instituição; (b) a revista corporal, em que mulheres são instruídas a se despirem, para que suas partes íntimas sejam examinadas (ep. 1, 33'30''- 31'50'').

Apesar de integrarem os protocolos de segurança da prisão, Goffman (2020) interpreta essas práticas como obstáculos à aproximação familiar da instituição total, contribuindo para o distanciamento sócio-afetivo. Interpretamos como parte de uma estratégia que separa os presos da vida externa ao tentar suprimir o principal canal desse contato, os familiares. Assim, consegue-se o enfraquecimento da percepção do “eu” como alguém que já esteve fora do sistema prisional. Como consequência, os presos se tornam mais

vulneráveis aos mecanismos de controle e mais suscetíveis à interiorização da lógica institucional.

Nessa mesma visita, os pais de Egídio adotam posturas distintas entre si à respeito da prisão do filho. Enquanto a mãe demonstra compaixão, o pai expressa responsabilização. Afirma que alí Egídio aprenderá a “virar homem de verdade”, ambos sem a ciência dos diferentes tipos de violências sofridas pelo filho na prisão (ep. 1, 38'30''- 40'50''). Enquanto parte desta análise, a incompreensão das dinâmicas intramuros e a impotência dos pais diante do aprisionamento do filho contribuem para que Egídio se perceba sozinho nessa experiência de sobrevivência no cárcere, um aspecto relevante que, mesmo não apresentado diretamente, parece orientar os próximos desdobramentos de sua trajetória na prisão.

Com base em Goffman (2020) e Chies, Barros, Lopes e Oliveira (2005), presos e carcereiros para serem definitivamente institucionalizados precisam vivenciar o processo de desfilamento institucional das suas famílias, algo parte da dinâmica prisional, inclusive, considerando algumas práticas representadas na série, como a distância do presídio das suas casas de origem, o que prejudica as visitações dos parentes; as barreiras de acesso, a exemplo das restrições de materiais e alimentos a serem levados à instituição, que exige maior preparo da família e a revista dos parentes, o que representa uma prática carregada de muito constrangimento da família, realizada de maneira mecânica e grosseira.

Nesse processo, ao longo da série, Egídio e Jesus Pedra se distanciam da posição de agentes passivos e observadores na prisão, respectivamente. Em relação ao carcereiro, sua agressividade surge já durante a primeira fuga de presos que presencia. Ao correr pelos corredores do presídio, ele chuta uma das celas fechadas, onde os detentos arrastavam as canecas pelas grades em comemoração à fuga, encarando-os com olhar ameaçador e de superioridade e ordenando

que “calem a boca” (ep. 1, 44'00''- 45'59''). Contudo, essa agressividade dirigida à objeto não se manifesta ainda às pessoas. Quando os presos fugitivos são recapturados, a punição adotada pelos agentes penitenciários foi a de agredi-los corporalmente e afogá-los no mar. Jesus mantém o mesmo olhar assustado de quando presenciou a violência pela primeira vez, mesmo Pedra dando sinal de emergência (ep. 1, 44'00''- 45'57'').

Essa passividade é repreendida por Xavier, inspetor do presídio: “Tu fica esperto, que malandro com revólver na mão atira em tu, tá? Tu fica aí de bonzinho” (ep. 1, 46'00''- 46'20''). Observamos, portanto, uma espécie de transição: nesta etapa de internalização dos valores institucionais e adaptação aos padrões de convívio, Pedra já se posiciona favoravelmente à exercer microviolências, como o chute na cela. Sendo que, mais tarde, como forma de retaliação a um ataque dos presos a um agente penitenciário, Itamar incita Pedra a agredir os detentos com um pedaço de madeira, ação que ele executa (ep. 10, 50'30''- 51'51''). Em outra ocasião, ele próprio provoca uma discussão com um dos presos e, ao se sentir confrontado, obriga-o a engolir o cigarro que o preso estava fumando (ep. 10, 12'00''- 12'35''). Essa postura dos carcereiros alinha-se à concepção de natureza humana de Goffman (2020), que atribui sentido de periculosidade inerente aos presos e, por consequência, legitima a aplicação das práticas punitivas (Tavares, 2011).

Em Egídio, a agressividade surge ao presenciar Belmiro, o preso que o havia defendido da violência sexual, sendo esfaqueado. Em resposta, ele ataca Lesado, responsável pelo golpe. A análise dessa cena indica que a agressividade de Egídio está relacionada à internalização do código de conduta dos detentos, no qual a masculinidade frequentemente se associa à agressividade e à preservação da honra

(Grossí, 2025). Dessa forma, Egídio reafirma sua masculinidade, anteriormente questionada e “roubada” pela violência sexual.

No entanto, a punição parte diretamente da direção do presídio. Sampaio, o diretor, convoca Egídio à sua sala e informa que o pai militar da menina atropelada por ele soube da violência sofrida pelo preso e “vibrou” com a notícia. Aconselha-o, ainda, a evitar tensões internas, reforçando que “quem não é visto, não é lembrado”. Nesta mesma cena, como represália pelo assassinato de Lesado, Egídio é enviado à “surda”, um espaço de confinamento extremo que, pela ausência quase total de luminosidade, abafamento sonoro, restrição de movimentos, pouca circulação de ar e alimentação precária, impõe severa privação sensorial (ep. 3, 09'00"- 10'59").

Esta prática punitiva integra um processo de institucionalização, descrito por Goffman (2020) como um mecanismo de sancão-bonificação: condutas consideradas inadequadas resultam em punições, enquanto comportamentos valorizados rendem pequenas concessões. Essa lógica também aparece quando Egídio é agredido por Itamar, após esconder um bilhete destinado à personagem de uma freira e deixado por Belmiro, evidenciando a utilização recorrente da sanção como forma de controle e disciplina na instituição. Com adendo, apenas presos são punidos, carcereiros, quando serão?

Na última visita recebida por Egídio, apenas a mãe comparece. O encontro ocorre na área externa do presídio, onde mesas, cadeiras e um painel natalino suavizam, ainda que momentaneamente, a dureza do ambiente interno, funcionando como um raro ponto de contato com o “mundo de fora” (Goffman, 2020). Durante a conversa sobre a família e sua ausência no Natal, o tema recai sobre Lesado, o homem que Egídio matou. A mãe sugere interceder junto ao diretor, mas ele a alerta que isso apenas pioraria sua situação, pois no presídio vigora a “lei do mais forte” (ep. 4, 30'00"- 33'00"). Essa reação evidencia a externalização dos

discursos institucionais por Egídio, que teme tanto as sanções impostas pelos presos, pelo código de honra intragrupal, quanto pelos carcereiros, que aplicam a lógica punitiva e de vigilância.

Os últimos momentos dos personagens são marcados por uma sequência de conflitos que configuram seus desfechos na série ou o ritual de saída da instituição, se é que isto existe. Pedra começa a se atentar às incongruências existentes no seu grupo de carcereiros, a exemplo do envolvimento de Xavier, inspetor de presídio, no tráfico de drogas que chega à instituição. Ele passa a compartilhar essa suspeita à Itamar, chefe de segurança, que se aproveita da situação para se inserir no esquema. Mais tarde, ele se torna diretor do presídio, haja vista que o anterior inicia um processo de investigação sobre o caso. Seu comportamento com relação aos presos se intensifica em inúmeras formas de violência (verbal, moral, física, etc.).

Além disso, Pedra e sua esposa descobrem que terão um filho e, portanto, ele percebe que precisará estender seu plano de permanência no presídio. Fica evidente, então, o aprisionamento, cuja interpretação é análoga a um estado fusional: atraído cada vez mais para dentro da prisão enquanto ocorre a manutenção dela dentro dele.

Ao final, o carcereiro é ameaçado por Itamar por ele saber muito à respeito do esquema criminoso de seus pares à respeito do tráfico de drogas. É, pois, transferido para o primeiro presídio de segurança máxima do país, o Complexo Penitenciário de Gericinó ou somente Complexo do Bangu. Sua cena final é paralela à uma das primeiras, na “surda”. Já transferido, ao levar um dos presos às celas individuais do presídio, Pedra o olha pela pequena janela do portão de ferro. O olhar de estranheza e amedrontado dá lugar à uma feição rígida. A prisão marcou seu corpo e sua alma.

Já Egídio é diagnosticado como soropositivo (ep. 6, 48'40''- 50'22''). Segundo Marques (2002), as razões para a proliferação do vírus HIV no

espaço prisional se dão pelo compartilhamento de agulhas contaminadas no uso de drogas injetáveis e as relações sexuais sem uso de preservativos masculinos e femininos. Esse diagnóstico ocorre no auge da proliferação do vírus, ou seja, nas décadas de 1980 e 1990, acompanhado pela desinformação da grande massa, incluindo a equipe penitenciária. Portanto, a estratégia considerada como benesse para conter o avanço do vírus no presídio é a de trancar os “aidéticos”, maneira como são chamados pela equipe, em celas individuais e separadas, distantes dos demais.

Egídio presencia o adoecimento de seus colegas e o seu próprio, vítimas do abandono institucional. Este mesmo abandono é responsável pelo autoextermínio do preso Mariozinho. Na urgência de sair daquele contexto, Egídio faz Itamar, agora diretor do presídio, de refém com uma seringa contaminada. Como moeda de troca, transtornado, ele pede para que a equipe penitenciária organize sua fuga do presídio (ep. 10, 27'15''- 29'20'').

O impacto da cena, no caso, é a representação da mudança abrupta de comportamento de Egídio, antes passivo às represálias sofridas. Segundo Tavares (2011, p. 128), “o medo e a insegurança colocam os sujeitos em lugar de acuamento. Acuados, os sujeitos não apostam nada, nada arriscam, tornando-se inertes ou reativos”. Assim, a reatividade tomada por Egídio é interpretada como motivada pela sensação de não possuir nada a ser perdido. Portanto, a submissão à rotina da prisão e a nova configuração das relações sociais, o rompimento dos vínculos familiares e uma nova construção de “eu”, mais submissivo à lógica institucional, provoca em Egídio este sentimento. O “nada a perder” representa, então, o estágio avançado desta assimilação da lógica penal, nomeada por Goffman (2020) de “mortificação do eu”. O desfecho da cena e desta história se dá, então,

por Egídio sendo morto pelos agentes penitenciários, juntamente com Itamar, diretor do presídio e seu refém.

## **CONCLUSÃO**

Ao longo desta narrativa, que descreve ritos de entrada, permanência e saída feito um possível mapa de práticas institucionais, que interpretados se relacionam aos comportamentos e à trajetória dos personagens em respeito à institucionalização deles.

Goffman (2020) e o conceito de instituição total e de mortificação do “eu”, bem como Foucault (2011) e a genealogia das prisões permitiram a análise do que foi capturado e descrito como uma representação alusiva ao processo de institucionalização de presos e carcereiros. Inicialmente, cada personagem foi impactado por rituais e práticas institucionais específicos, como a travessia costa-ilha, o pré-batismo, a violência sexual contra o preso e as práticas discursivas que reforçam tensões intra e intergrupais, introduzindo-os à lógica hierárquica e aos códigos de conduta da prisão. Durante a permanência, as represálias dos colegas a Jesus Pedra e a punição de Egídio na “surda” são exemplos de práticas que, ao mesmo tempo em que consolidam a ordem institucional, conduzem seus comportamentos à submissão e ao medo. No caso de Egídio, o acuamento e a reprodução de códigos de honra entre presos. No de Pedra, a reprodução de micro violências contra presos.

**Imagen 4**

Egídio no primeiro episódio



**Fonte:** Globoplay

**Imagen 5**

Egídio no último



**Fonte:** Globoplay

**Imagen 6**

Jesus Pedra no primeiro episódio



**Fonte:** Globoplay

**Imagen 5**

Jesus Pedra no último episódio



**Fonte:** Globoplay

Por fim, os rituais de saída são interpretados em conformidade ao papel assumidos pelos personagens e o lugar cabível a cada um deles na lógica prisional: a) Pedra, a transferência de prisão é a punição por não coadunar e tentar interferir no esquema de corrupção entre seus pares; b) Egídio, é morto após uma tentativa desesperada de fuga, quando entendeu que já não havia vida produtiva para ele. Ambos ficaram “cascudos”, porque foram tomados pelos “mosquitos” da prisão. Esses desfechos sugerem que, no contexto prisional, a experiência institucional, tal como evidenciada no caso

analisado, revela que a promessa de saída é, em grande medida, ilusória. A institucionalização tende a limitar as possibilidades de escolha: restam a adaptação e reprodução dos valores e códigos da prisão e a morte dos sujeitos (simbólica ou não).

Assim, considerando as brechas interpretativas da narrativa, é possível perceber que o título da série pode estar relacionado à institucionalização vivenciada pelos personagens. Nesse sentido, o “jogo” que mudou (ou ainda muda) a história refere-se tanto à cena final, na literalidade de um jogo de futebol, em que outro núcleo de personagens participa em enredo próprio; quanto ao jogo de práticas e discursos intimamente ligados à fabricação da subjetividade dos protagonistas observados por nós, que derivam em preso e carcereiro.

Ao final desta produção acadêmica, considero que conseguimos responder à pergunta inicial: por que a promoção da saúde mental não encontra brechas para iniciativas no sistema prisional? À medida que essa resposta se delineia com a própria descrição e interpretação do representado, outra questão se impõe e não se restringe apenas às autoras desta análise, mas de como deve ecoar em todos aqueles que se debruçam sobre a temática social - qual papel temos nós, profissionais da Psicologia e, sobretudo, seres humanos, frente a uma realidade que, embora representada, revela a inviabilidade de qualquer iniciativa efetiva de promoção da saúde mental à pessoas presas e profissionais da prisão?

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 3. ed. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- ANGROSINO, Michael; FLICK, Uwe. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Grupo A, 2009.

Bíblia Sagrada Online. **Bíblia Sagrada Online.** Disponível em: <https://www.bibliaon.com/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984.** Institui a Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jul. 1984. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7210.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm). Acesso em: 5 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Justiça. **Portaria Interministerial nº 1, de 2 de janeiro de 2014.** Institui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional (PNAISP) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 jan. 2014. Seção 1, p. 18–21. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/434>. Acesso em: 5 jul. 2025.

BRASIL. SENAPPEN. **Relatório de Informações Penais.** Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relipen/relipen-2o-semestre-de-2024.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BUENO, Gabriel; ZANELLA, Andréia Vieira. Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, p. 1-10. 2022.

CAVAGNOLI, Murilo; MAHEIRIE, Katia. A cartografia como estratégia metodológica à produção de dispositivos de intervenção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 32, n. 1, p. 64-71, jan./abr. 2020.

CHIES, Luiz Antônio Bogo; BARROS, Ana Luisa Xavier; LOPES, Carmen Lúcia Alves da Silva; OLIVEIRA, Sinara Franke. Prisionalização e sofrimento dos agentes penitenciários: fragmentos de uma pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 13, n. 52, p. 309–335, jan./fev. 2005. Acesso em: 11 jul. 2025.

FIGUEIRÓ, Rafael Albuquerque; DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra. Subjetivação em agentes penitenciários. **Psicologia: Ciéncia e Profissão**, Brasília, v. 38, núm. esp. 2, p. 131–143, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212193>. Acesso em 11 de jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FRANÇA, Fátima; Pacheco, Pedro; OLIVEIRA, Rodrigo Tôrres (org.). **O trabalho da(o) psicóloga(o) no sistema prisional:** problematizações, ética e orientações. 1. ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 7<sup>a</sup> edição. São Paulo: Grupo GEN, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. 320 p.

GROSSÍ, Miriam Pilar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, v. 12, n. 12, p. 21–42, 2025. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/1412>. Acesso em: 5 jul. 2025.

JÚNIOR, José. Globoplay, 2024. Série de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/o-jogo-que-mudou-a-historia/t/dYKWzMQpYp/>. Acesso em: 20 set. 2024.

MAIA, Clarissa Nunes; Sá Neto, Flávio de; Bretas, Marcos Luiz; Costa, Marcos Paulo Pedrosa. **História das prisões no Brasil I**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, suplemento, p. 41–65, 2002.

MOLINA, Ana Maria Ricci; BARBOSA, Francirosy Campos. A fotografia na centralidade da pesquisa: sobre a metodologia e a política visual como achados na investigação. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira et al. **Psicologia social, educação e análise institucional**: diálogos entre Paulo Freire, Gregório Baremblit, Bel Hooks, Giles Deleuze e Félix Guattari. Curitiba: Editora CRV, 2023.

Negros no fundo do porão. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/83558-negros-no-fundo-do-porao>. Acesso em: 12 de setembro de 2025. Verbete da Enciclopédia.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método cartográfico**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALLA, Fernando. Práticas punitivas no cotidiano prisional. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 13, n. 26 jul.dez, p. 15–33, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2449>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, Enélio Alcides da. Violência sexual na cadeia: honra e masculinidade. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 15, n. 21, p. 141-150, 1997.

SILVA, José da; Pereira, Maria de Fátima. O uso do cinema na educação em Psicologia: uma revisão integrativa da literatura. **Perspectivas em Diálogo**, v. 10, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2022.

TAVARES, Gilead Marchezi. O dispositivo da criminalidade e suas estratégias. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 1, p. 123-136, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100009>. Acesso em: 10 jul. 2025.